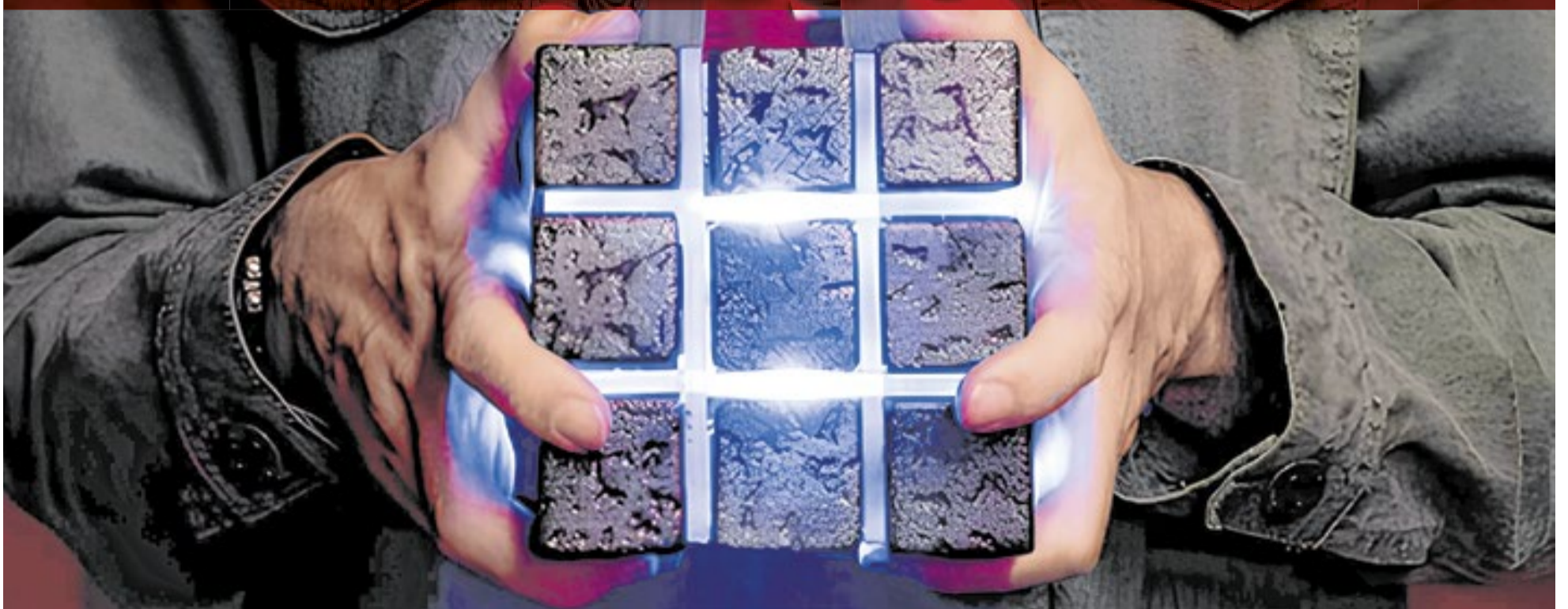


#cm
2
QUINTA-FEIRA

Mariana Vianna/Divulgação

Assumidamente **NERD**



NO SEU PRIMEIRO PAPEL COMO PROTAGONISTA NO CINEMA, **FERNANDO CARUSO MERGULHA NO UNIVERSO GEEK EM 'CANSEI DE SER NERD' E DEFENDE A INTENSIDADE DAS PAIXÕES DESTA TRIBO. "GOSTAR DAS COISAS É BOM, DEIXA A VIDA MAIS PALATÁVEL"**, DISSE AO CORREIO. PÁGINA 2

ENTREVISTA | FERNANDO CARUSO

ATOR

Mariana Vianna/Divulgação



Fernando Caruso, que escreve prefácios de HQs e tem livro sobre a nerdice, deseja vida longa e próspera à cinefilia nacional

'Gostar das coisas é bom, deixa a vida mais palatável'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Adamantium, único metal 100% indestrutível do universo (não do nosso, mas, sim, do universo Marvel), usado nas garras do Wolverine, inspira a foto que Fernando Caruso utiliza em seu whatsapp, numa afirmação do sangue nerd em suas veias. Bom de fazer rir no palco e na TV, ele empregou seu fator de cura (contra o mau humor do mundo) nas telonas com galhardia no passado, em "Vai Que Cola - O Filme" (2015) e "Não Vamos Pagar Nada" (2020), sempre em participações como coadjuvante.

Chegou a hora de esse Clark Kent se assumir Kal-El e desfilar os superpoderes do protagonismo num filme que sintetiza angústias de sua geração: "Cansei de Ser Nerd". Essa comédia, com toques de ficção científica e suspense, entra em circuito nesta quinta (28) e marca a estreia do premiado diretor de arte Gualter Pupo na direção.

Antes de pousar em circuito exibidor, esse óvni de criatividade rara flanou pelo exterior e teve sua première internacional na 51ª edição do Boston Science Fiction Film Festival, considerado o mais longo e cultuado festival de cinema sci-fi das Américas. A produção tem argumento original de Renato Fagundes, que assina o roteiro ao lado de Thaisa Damos, Luiz Noronha e Gualter.

Na trama, o nerd Airton (Caruso), acusado injustamente, em seus tempos da faculdade, pelo sumiço (e suposto assassinato) de uma colega, chegou a ficar preso - por 10 dias - a pagar um pato que não esfolou. Após 20 anos do quiproquó, ele mora com a mãe Dona Têca (Cissa Guimarães) e tenta curar os traumas do passado. Para desopilar, convence o melhor amigo, Ulisses (Pedro Benevides), a ir à festa de reencontro da turma da graduação e enfrentar suas inseguranças. Óbvio que o bagulho dá ruim. Nesse birinaite, reencontra Juliana (Bia Guedes), seu grande amor da juventude, e também Charles (João Velho), principal responsável pelo bullying que sofreu lá atrás.

Para provar sua inocência e desmascarar os criminosos, Airton precisará encarar um grupo esquisito... e perigoso... usando seu conhecimento geek. Você, aí da massa leitora, pode até não saber que o Surfista Prateado foi o astrônomo Norrin Radd ou pode desconhecer a diferença entre os dons do Aquaman e os do Príncipe Namor, mas Airton, não. Ele tem a força... ainda que não a dos Jedi. Nesta entrevista, Caruso etiqueta tudo certo.

“Minha relação com os quadrinhos é praticamente simbiótica. Quem me conhece... e conversa comigo por mais de quinze minutos... sabe que as chances de esbarrar nesse assunto são enormes”

Você é um multiartista presente em muitas mídias - da TV ao palco - que agora ganha seu primeiro protagonista nas telonas. O que "Cansei de Ser Nerd" representa na sua trajetória?

Fernando Caruso - Representa a alegria de convergir em grande estilo dois universos bem distintos da minha identidade, o profissional com o pessoal. Está sendo maravilhoso, inclusive, misturar isso tudo pra fazer a divulgação do filme entre os canais de vários amigos queridos igualmente nerds.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema e qual foi o filme que te fez querer estar no cinema, na telona?

Curiosamente, acho que o filme que me fez perceber o meu amor pelo cinema foi "As Panteras". O amor sempre esteve lá, mas, assistindo a uma sessão de "As Panteras" sozinho, numa sala de cinema, com um balde de pipoca e refrigerante, eu percebi o quanto aquilo me fazia bem, sem precisar de companhia ou um roteiro cabeçudo. Eu queria a experiência, a diversão. E quanto a querer estar na telona, acho que todos os filmes de aventura que povoaram a minha infância semearam essa vontade.

O que a expressão nerd carrega de mais poético e de mais político?

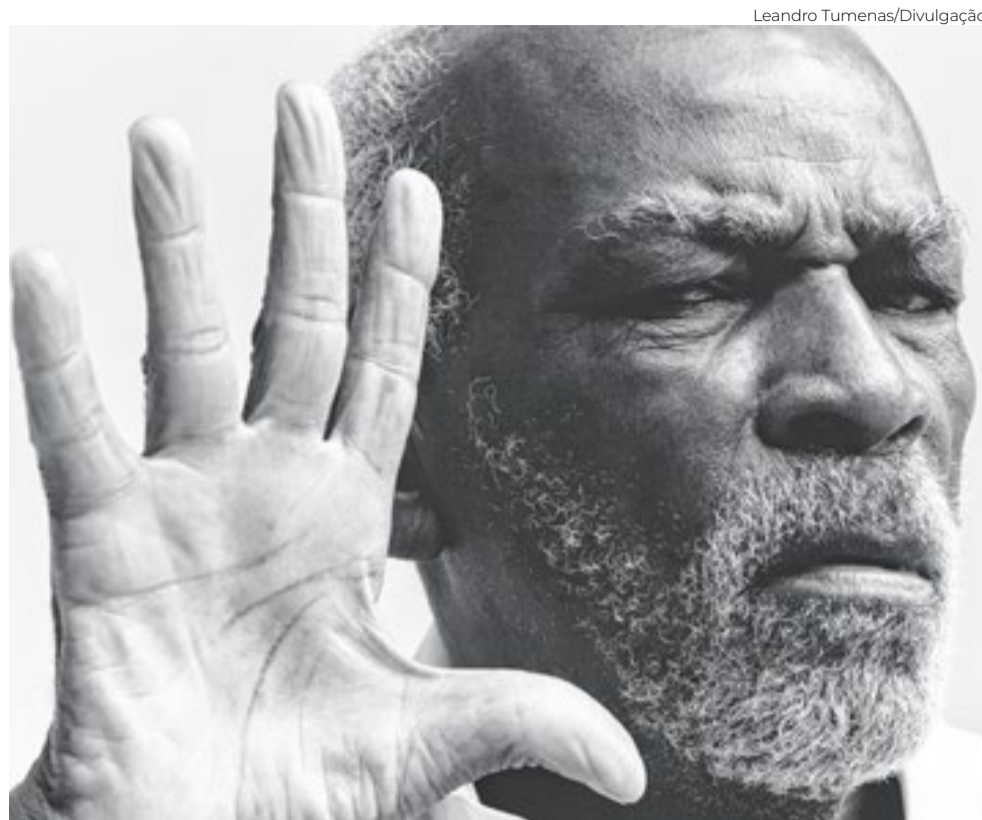
De mais poético, eu acho que é essa paixão intensa que caracteriza o nerd. O nerd não gosta pouco, ele gosta muito. Muito. Normalmente lê, assiste, ouve tudo sobre seu objeto de consumo. Essa intensidade é muito bonita. Gostar das coisas é bom, deixa a vida mais palatável. Muito melhor do que não gostar de nada. É igual ao meme dos dois personagens sentados em lados opostos de um ônibus na beira do abismo. Quanto ao lado mais político, mesmo que algumas (ou muitas) pessoas não saquem a mensagem, quase a totalidade dos conteúdos nerds falam sobre inclusão, defender a coisa certa, combater a maldade etc. São valores extremamente políticos e úteis para uma evolução moral e ética da sociedade. Colocá-los em prática, nem que seja em discurso, em redes sociais, hoje é o mesmo que colocar um alvo nas costas. É um ato bastante político.

O que o trabalho com o Gualter Pupo e com toda a turma da produção te passou de mais expressivo acerca da liberdade de se filmar uma história independente no Brasil?

Mais do que a liberdade, o trabalho do Gualter e de toda a equipe me fascinou bastante pela sua guerrilha, que é fazer cinema no Brasil encontrando soluções criativas e de baixo custo para deixar uma ideia maluca sair do papel e se materializar na tela. Verdadeiramente inspirador. Rodamos o filme todo dentro da casa do Gualter.

Como você define sua relação com os quadrinhos e como essa relação te ajuda nesse filme e o que tem pela frente de projeto em relação a HQs?

Minha relação com os quadrinhos é praticamente simbiótica. Quem me conhece... e conversa comigo por mais de quinze minutos... sabe que as chances de esbarrar nesse assunto são enormes. Então isso fez com que eu pudesse, neste projeto (do Gualter), atuar menos e só 'estar lá', visto que boa parte das coisas que o personagem dizia eram coisas que eu diria (à salvo as partes sobre homicídio, sacrifício humano e alienígenas veganos). De projetos pela frente, em relação a esse universo, estou às voltas de usufruir dos talentos de um grande amigo quadrinista, Camilo Solano, para lançar um livro infantil. Em agosto, eu começo os ensaios para "Percy Jackson, O Musical", em São Paulo, com base numa franquia que também tem um grande séquito de apaixonados pelo mundo afora. Ah... e o meu livro "O Guia de Sobrevivência Nerd" continua à venda pela editora Heroica.



Leandro Tumenas/Divulgação



Divulgação

A Mostra Pitanga vai exibir 38 filmes do ator e diretor, que iniciou sua trajetória no Cinema Novo; à direita, Antônio Pitanga em 'Barravento'

Cinema brasileiro com sabor de Pitanga

AFFONSO NUNES

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio abre as portas para a maior retrospectiva já realizada sobre a carreira de Antonio Pitanga, nome fundamental do audiovisual brasileiro desde o Cinema Novo. A “Mostra Pitanga”, que será realizada entre os dias 3 e 29 de junho reúne 38 filmes, sessões comentadas, debates, um curso gratuito e uma leitura dramática na qual Pitanga revisita um texto censurado durante a ditadura militar. O projeto, com curadoria de Camila Pitanga e Thiago Ortman, costura uma filmografia que atravessa seis décadas de transformações sociais e políticas do Brasil.

Nascido em Salvador em 13 de junho de 1939, Antonio Pitanga é um ator que se tornou sinônimo de resistência e protagonismo negro nas telas brasileiras. Sua trajetória começou em 1960, quando participou de “Bahia de Todos os Santos”, filme que lhe rendeu o nome artístico que carrega até hoje. Ao longo dos anos 1960, ele esteve no centro do movimento do Cinema Novo, atuando em narrativas que expunham as desigualdades sociais e as tensões políticas da época. Filmes como “Barravento” (Glauber Rocha, 1962), “Ganga Zumba” (Cacá Diegues, 1963) e “A Grande Cidade” (Cacá Diegues, 1966) consolidaram sua presença em um movimento que redefiniu o cinema brasileiro.

Ator e diretor é saudado no CCBB RJ com a maior retrospectiva de uma carreira que se confunde com o audiovisual brasileiro desde o Cinema Novo



Divulgação



Divulgação

Pitanga com Zezé Motta em 'Quilombo' e no set de filmagens de 'Malês', seu longa mais recente

A retrospectiva revisita obras clássicas, raridades e restaurações que raramente chegam às telas. Entre os destaques estão “O Pagador de Promessas” (Anselmo Duarte, 1962), único filme brasileiro a conquistar a Palma de Ouro em Cannes, e dois filmes restaurados em 4K: “A Grande Feira” (1961) e “Tocaia no Asfalto” (1962), ambos do baiano Roberto Pires. A mostra também exhibe o curta “Colagem” (David Neves, 1968) e “Uma nega chamada Tereza” (Fernando Coni Campos, 1973), que conta com a presença performática de Jorge Ben. Completam a seleção “Bom Dia,

Eternidade” (2010), único filme dirigido por Rogério de Moura, e “Malês” (2025), longa dirigido por Pitanga que venceu o Troféu Jangada de Melhor Filme no Festival de Cinema Brasileiro de Paris.

Durante a ditadura, Pitanga participou de obras que abordavam a questão racial de forma frontal. Em “Jardim de Guerra” (Neville d’Almeida, 1970), um monólogo antirracista proferido por ele foi censurado. Em 1978, estreou na direção com “Na Boca do Mundo”, juntando-se a Zózimo Bulbul e Waldyr Onofre como parte de uma geração pioneira que abriu espaço

para realizadores negros.

Na programação paralela Pitanga e Ítala Nandi fazem, no dia 7, releitura do texto da peça “O Poder Negro” (1967), de LeRoi Jones, censurada pela ditadura. Nos dias 11 e 28 de junho, duas mesas de debate abordarão sua trajetória: a primeira, “A escrita com o corpo: cinema, política e a questão racial no trabalho de Pitanga”, com Safira Moreira e Carmen Luz; a segunda, “Pitanga e o seu legado”, mediada pela jornalista Maju Coutinho e com participação de Elisa Lucinda, Juliano Gomes e do próprio Antônio Pitanga.

De 19 a 21 de junho, a pesquisadora Janaína Oliveira ministra o curso gratuito “Ofereças narrativas para uma história dos cinemas negros no Brasil”, uma reflexão sobre as cinematografias negras. Sessões comentadas, como a de “A Grande Cidade” (1966) com Hernani Heffler, gerente da Cinemateca do MAM Rio, complementam a programação educativa. A mostra também lançará um catálogo inédito que reúne entrevistas, críticas históricas e textos de autores como Joel Zito Araújo e Tatiana Carvalho Costa, além de escritos de cineastas como Glauber Rocha e Rogério Sganzerla e documentos de arquivo. Visitantes que apresentarem quatro ingressos de filmes ou atividades ganham um exemplar.

Segundo Camila Pitanga, o objetivo da mostra é estabelecer uma ponte entre o legado do Cinema Novo e a cinematografia brasileira de hoje. “Meu pai é um ator fundador do Cinema Novo, mas é também um ator contemporâneo, do mundo em que estamos vivendo. Ele não só está vivo, como está profícuo em trabalhos, em inaugurar caminhos”, argumenta.

SERVIÇO

MOSTRA PITANGA

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) De 3 a 29/6 | Entrada franca, com ingressos disponíveis na bilheteria física ou no site do CCBB (www.cccb.com.br) | Programação completa no site do CCBB

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não restam dúvidas, sob um prisma estético, de que a mais importante estreia estrangeira em circuito exibidor, neste fim de semana, é o Almodóvar novo, “Natal Amargo”, que chega forte, mas não vem sozinho... Ao lado dele, aterrissa por aqui um belíssimo longa-metragem de CEP francês, “Fora de Controle” (“Dis-moi Juste Que Tu M’aimes”) é um possante drama francês de tonalidade febril em seu flerte com o thriller psicológico, estruturado sob a direção de Anne Le Ny.

A trama mergulha no desgaste afetivo de um casal aparentemente estável. Seu ímã de atenções é o quarto dos oito filhos da faxineira mauritana Diaritou e do mecânico senegalês Demba. Um ator conhecido (e admirado) sob a alcunha Omar Sy. Em março, ele foi visto por aqui, com pouco alarde, em “O Caso Dos Estrangeiros” (“A Stranger’s Case”), filme vencedor do Prêmio da Anistia Internacional da Berlinale de 2024.

“Todo filme tem um lugar na tela, e, quando se trata de narrativas de gênero, elas ganham espaço quando fazem a nossa cabeça pensar sobre a realidade à nossa volta”, respondeu Sy ao Correio da Manhã, em sua passagem pelo júri oficial do Festival de Cannes, enquanto filmava “Fora de Controle”, que vendeu cerca de 400 mil ingressos em sua arrancada na França.

O roteiro rodado por Anne Le Ny fala de Julien (Sy) e Marie (interpretada por Élodie Bouchez), que vivem há quinze anos juntos em Vannes, na Bretanha, criando dois filhos e tentando manter uma rotina familiar organizada. A tranquilidade começa a ruir quando Anaëlle, antiga paixão de juventude de Julien, regressa à cidade depois de anos ausente. A reparação dessa figura provocativa, vivida por Vanessa Paradis, desperta em Marie um sentimento crescente de insegurança, ciúme e autodesvalorização, abrindo uma fratura emocional dentro da relação.

Anne Le Ny constrói a narrativa como um suspense íntimo, em que as emoções cotidianas vão sendo contaminadas por paranoia, ressentimento e manipulação. Ecos do mestre francófono do mistério, o artesão autoral Claude Chabrol (1930-2010).

A casa do casal Marie e Julien não devia ser um mero cenário, mas sim um reflexo da sua relação. Anne Le Ny queria um espaço que parecesse acolhedor, mas permeado por uma tensão latente: «Eu dizia que precisava de uma casa antiga cheia de charme,



“*Todo filme tem um lugar na tela, e, quando se trata de narrativas de gênero, elas ganham espaço quando fazem a nossa cabeça pensar sobre a realidade à nossa volta*”

OMAR SY

Omar Sy no alçapão do desejo

Apesar da aparente felicidade em seu sorriso, o personagem de Omar Sy em ‘Fora de Controle’ espelha, no olhar, o que diz o título

durante uma cena-chave. Acabou que a chuva torrencial acrescentou uma intensidade dramática inesperada à rodagem, atenta a ambiguidades morais.

“Tento sempre estar atento às histórias de opressão, principalmente aquelas que formalizam a agressão sobre os corpos negros a partir de uma farda”, disse Sy ao Correio da Manhã durante o Festival de Berlim, em meio ao lançamento de “Polícia: Turno da Noite” (“Police”, 2020), dirigido pela franco-luxemburguesa Anne Fontaine, que ficou inédito em telonas nacionais, mas pode ser acessado pelo streaming Filmmelior+ e pela Prime Video, da Amazon.

Nele, temos uma crônica tensa sobre a jornada de três policiais (Virginie Efira, Omar Sy e o surpreendente Grégoire Gadebois) empenhados em levar um refugiado (Payman Maadi, de “A Separação”) ao Charles De Gaulle, a fim de deportá-lo para a pátria onde ele sofreu toda a sorte de mazelas.

“Estive em outros filmes que também mostram essa obrigatoriedade servil que foi imposta a populações negras. Tento entender a cabeça de pessoas forçadas a lutar por um continente que não é o seu”, disse Sy ao Correio, em meio às filmagens do eletrizante “Shadow Force - Sentença de Morte”, com direção de Joe Carnahan, lançado por aqui em 2025 e já disponível na Prime Video.

Este ano, Sy será visto na série “Mercenary: An Extraction Series” e no novo filme de Ladj Ly, já em finalização: “Dumas - Diabole noir”.

‘Fora de Controle’ marca a volta do astro de ‘Intocáveis’ e da série ‘Lupin’ ao circuito nacional, num suspense que dialoga com afetos proibidos e a ideia em desconstrução de ‘família perfeita’



O astro com Virginie Efira e Gregoire Gadebois em ‘Polícia, Turno da Noite’, na grade da Prime Video

mas com um alçapão no meio da sala”, disse a diretora em depoimento ao site Allocine.fr. Esse alçapão vai simbolizar o perigo subjacente que se esconde sob o equilíbrio aparente do casal. Felizmente, a equipa encontrou uma casa ideal que correspondia exatamente a essa visão.

O longa foi rodado em grande parte na Bretanha, nomea-

damente em Vannes. Embora a escolha do local correspondesse perfeitamente à história, também reservou surpresas climáticas à equipa. Três grandes tempestades atingiram as filmagens, incluindo uma particularmente violenta

A perda que destrói

'Veneno', texto da dramaturga holandesa Lot Vekemans já encenado em mais de 30 países, chega aos palcos cariocas em junho

Depois de uma temporada aclamada em São Paulo, o espetáculo "Veneno" chega aos palcos cariocas a partir do dia 3 de junho. A montagem, baseada no texto da dramaturga holandesa Lot Vekemans, entra em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ). A peça, que já circulou por mais de 30 países, coloca em cena um reencontro improvável: dois ex-cônjuges se veem obrigados a se encontrar em um cemitério, dez anos após a morte do filho único.

O encontro se dá depois de uma carta anunciando que o corpo precisaria ser removido devido à contaminação do solo por veneno.

A partir desse ponto, o texto de Vekemans desanda em diálogos que expõem ressentimentos acumulados, culpas não resolvidas e o ajuste de contas que o tempo não fechou. O sofrimento compartilhado une e, paradoxalmente, separa duas pessoas que viveram a mesma tragédia.

No elenco, Alexandre Galindo e Cléo De Páris interpretam o casal. Galindo, que também atua na direção de produção, destaca a profundidade da dramaturgia de Vekemans. Segundo ele, autora consegue apresentar duas visões diferentes sobre o luto sem cair em simplificações maniqueístas. "É isso o que torna o texto muito instigante e repleto de camadas que o fazem profundo e tocante", comenta.



Alexandre Galindo e Cléo De Páris interpretam um ex-casal que se reencontra num cemitério para acompanhar a remoção do corpo do filho

De Páris, por sua vez, celebrou a chegada ao Rio, afirmando que fazer temporada no CCBB tem "um peso muito especial dentro da cena cultural brasileira". A montagem brasileira consolidou-se como uma referência importante no circuito paulista antes de chegar ao Rio, com a direção de criação coletiva e tradução de Mariângela Guimarães.

Lot Vekemans, dramaturga, escritora e roteirista holandesa de 60 anos, é conhecida por sua capacidade de abordar temas universais com precisão emocional. Em 2010, recebeu o Taalunie Toneelschrij-

frijns — prêmio que reconhece as melhores peças de teatro em língua holandesa — justamente por "Gif" (título original de "Veneno"). Desde então, sua obra circulou por teatros europeus, asiáticos e americanos, consolidando-se como uma das dramaturgias mais traduzidas do continente. A peça também ganhou adaptações em outros formatos e continua sendo montada regularmente em diferentes países, incluindo Portugal, onde recebeu encenações recentes.

O que torna a encenação de "Veneno" particularmente relevan-

te é sua recusa em oferecer respostas prontas e acabadas. A dramaturgia de Lot Vekemans não se atreve a resolver o luto dos personagens nem do espectador. Em vez disso, mapeia o território do sofrimento com precisão cirúrgica, reconhecendo que mesmo nas perdas mais profundas, a vida segue com suas ironias e absurdos. Há momentos de leveza, até de humor, que brilham justamente porque contrastam com a densidade emocional do todo, gerando aquele incômodo de se ver refletido em uma dor que não é a sua, mas que poderia ser.

SERVIÇO

VENENO
Teatro III - CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
De 3/6 a 6/7, de quarta a segunda (19h) e domingos (18h), com sessões especiais: Libras (27/6), duplas (16h30 e 19h) em 20 e 27/6 e 4/7
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

FAÇA COMO OS OUTROS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO.

Quer saber primeiro, acesse e leia o **correio da manhã.**

Correio da Manhã

Agora com o mesmo tamanho dos Jornais **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo** e **Estado de Minas**. Muito mais fácil para ler.

UM JORNAL CENTENÁRIO SEM MEDO DE SER MODERNO.

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita





Fotos/Divulgação

Um dos muitos pupilos de Hermeto Pascoal, Gabriel Grossi dividindo o palco com o velho mestre, que nos deixou há menos de um ano



Hermetiando

Gabriel Grossi e Laurent Coulondre lançam álbum tributo a Hermeto Pascoal com participações internacionais

AFFONSO NUNES

O gaitista Gabriel Grossi e o pianista francês Laurent Coulondre acabam de lançar o álbum “Hermeto Universal”, que eles consideram uma expansão da obra do genial multi-instrumentista Hermeto Pascoal, morto em setembro do ano passado aos 89 anos. O disco, com 14 faixas disponíveis em todas as plataformas digitais, reúne releituras de composições de Hermeto ao lado de inéditas dedicadas a ele, além de resgatar registros do “Bruxo” em estúdio.

Grossi, que trabalha há anos com a harmônica cromática em contextos que transitam entre jazz, rock e música clássica, considera Hermeto sua maior referên-



“Ele foi meu padrinho musical, participou do meu primeiro álbum. Mais que um grande compositor e instrumentista, Hermeto representa uma verdadeira escola de música”

GABRIEL GROSSI

cia musical. “Ele foi meu padrinho musical, participou do meu primeiro álbum. Mais que um grande compositor e instrumentista, Hermeto representa uma verdadeira escola de música”, afirma. A parceria com Coulondre, pianista e compositor francês atuante na cena de jazz europeia, surgiu da admiração compartilhada pelo trabalho do brasileiro.

A produção e arranjos são assinados pela dupla. A abertura do álbum traz uma releitura de “Chorinho Pra Ele”, uma das composições mais exigentes tecnicamente da obra de Hermeto. A nova versão incorpora grooves modernos e influências internacionais, estabelecendo o tom estético do projeto. O encerramento

O francês Laurent Coulondre é admirador confesso da estética musical de Hermeto Pascoal

fica por conta de “Catarina e Teresa”, composição feita em parceria entre Grossi e Hermeto, dedicada às filhas gêmeas do gaitista. Gravada antes do falecimento de Hermeto, a faixa nasceu de um processo “livre e totalmente improvisado”, refletindo a essência criativa de Hermeto.

O elenco que acompanha a dupla inclui nomes consolidados da música instrumental contemporânea. Michael League, baixista e líder do grupo Snarky Puppy, participa como instrumentista. Ruy López Nussa, baterista cuba-

no de trajetória internacional, integra a seção rítmica. O álbum também conta com participações de Chris Potter (saxofonista), Varrishree Venugopal (violinista), Ibrahim Maalouf (trompetista) e Vanessa Moreno, entre outros.

A presença de artistas de diferentes nacionalidades e tradições musicais demonstra a admiração que instrumentistas de diversas partes do mundo têm pelo homenageado.

Hermeto Pascoal nasceu em 1936 em Olho d’Água das Flores, Alagoas, e se tornou um dos músicos mais inventivos da história da música brasileira. Autodidata, dominou mais de 40 instrumentos — harmônica, flauta, saxofone, teclado, acordeom, melódica, guitarra e até objetos do cotidiano — transformando cada um em extensão de sua voz criativa.

Sua abordagem experimental mesclava ritmos nordestinos, samba, forró e jazz em uma linguagem pessoal que desafiava categorias. Nos anos 1970, trabalhou com nomes como Miles Davis, que o admirava, e consolidou sua reputação internacional através de álbuns como “Hermeto” (1971) e “Música Universal” (1980), que deu nome ao conceito que o acompanharia por toda a carreira.

O multi-instrumentista foi reconhecido globalmente não apenas como virtuose técnico, mas como pensador musical. Sua filosofia de “Música Universal” — a ideia de que toda expressão sonora, do canto de um pássaro ao ruído urbano, é música — influenciou gerações de compositores e intérpretes em todo o mundo. Mesmo após décadas de carreira, continuou inovando, colaborando com artistas contemporâneos e mantendo uma presença ativa na cena musical até seu falecimento. Seu legado permanece como referência obrigatória para qualquer músico que busque expandir os limites do que é possível fazer com som.

Os shows de lançamento do álbum estão agendados para agosto e setembro no Brasil, com datas adicionais previstas para 2027 na Europa. O projeto reafirma a relevância contínua da obra de Hermeto, demonstrando como sua linguagem criativa permanece viva e geradora de novas possibilidades sonoras, bem ao seu gosto aliás.

Conectada às tradições diaspóricas

Pesquisadora de música afro-brasileira, a pulista Renata Alves apresenta seu show 'Agôfunfê' ao Espaço BNDES nesta quinta

AFFONSO NUNES

E cantora e compositora paulista Renata Alves é a atração da edição desta semana do projeto Quintas no BNDES com um espetáculo que sintetiza suas pesquisas em torno da música de matriz afro-brasileira. "Agôfunfê" ancora-se em práticas ancestrais e na força expressiva da música negra.

Agôfunfê é um termo que vem do iorubá. A palavra pode ser decomposta em elementos que remetem a invocação, chamado ou celebração. Formada em Canto Popular pela Universidade Estadual de Campinas e pela EMESP – Tom Jobim, Renata construiu sua trajetória artística investigando as sonoridades da diáspora africana. Seu trabalho dialoga com o samba, com ritmos afro-diaspóricos e com saberes que atravessam o oceano que separa Brasil e África.

No show, a artista explora um

arranjo instrumental que privilegia a percussão: tambores, ferros, molhos e vozes se articulam com um violão que conversa com claves e ritmos africanos. Ao lado dela, Nicolas Farias e Otavio Andrade (preçsao) e Pietro Battiato (violão) formam um quarteto entrosado.

O repertório mistura composições autorais com referências que vão de Os Tingoão e Dorival Caymmi até Sidney da Conceição. Peças como "Lunda", "Akí Ode" e "Quelê" (todas de Renata Alves em parceria com Nicolas Farias) convivem com clássicos da música preta brasileira.

Renata explica que trabalha com uma abordagem que conecta ancestralidade, identidade e contemporaneidade — uma estética negra tanto política quanto poética.

Renata Alves é uma artista que merece visibilidade. Seu trabalho rigoroso de pesquisa, sua formação sólida e sua capacidade de transformar investigação acadêmica em performance.

SERVIÇO
RENATA ALVES - AGÔFUNFÊ
 Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100) | 28/5, às 19h | Ingressos grátis, com distribuição de senhas a partir das 18h30



Renata Alves se especializou na pesquisa musical de sonoridades de matriz africana

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**



Divulgação

Gilson Peranzetta, 80

O maestro, pianista e compositor Gilson Peranzetta sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta quinta (28) para celebrar 80 anos de vida e 70 de carreira. O espetáculo reúne participações de Jane Duboc, João Senise, Mauro Senise, Marcel Powell e Didier Fernan, além do trio de Peranzetta com Alexandre Cavallo e Ricardo Costa. O repertório inclui composições como "Sorriso de Luz", "Nós, as Crianças" e "Obsession", além de clássicos da música brasileira em arranjos inéditos criados especialmente para a ocasião.



Divulgação

Indie rock sergipano

Cidade Dormitório, quarteto sergipano formado há mais de uma década, lança seu terceiro álbum "Cinema Bélico?" em apresentação nesta quinta-feira (28), às 20h, no Audio Rebel. O disco reflete a trajetória da banda que mistura indie rock, shoegaze, pós-punk e psicodelia, abordando temas como ruínas, memória e o excesso de imagens no mundo de hoje. O álbum marca uma evolução sonora ambiciosa do grupo, que celebra dez anos de carreira com uma obra que enfrenta o caos visual e cultural dos nossos tempos.



Divulgação

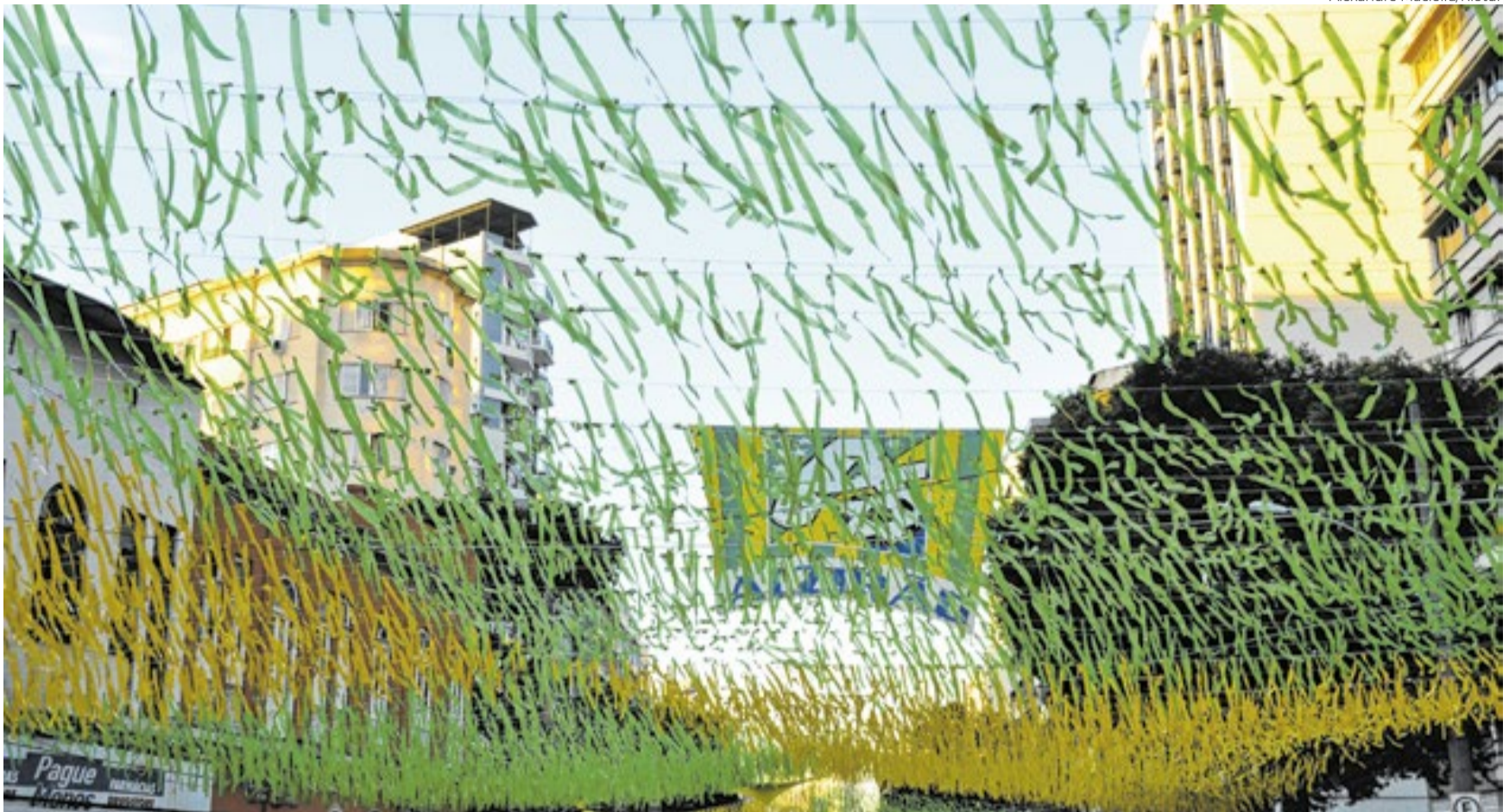
Música medicinal

A segunda edição do projeto Bloom Sessions acontece nesta quinta-feira, às 20h, no Manouche, reunindo shows de Emanazul e Jesús Hidalgo, músico venezuelano que une música e consciência em sua trajetória artística. O evento, em parceria com a R.evolution Club, inclui ritual de cacau com Conexões Cacau e discotecagem de Luluta. O encontro é criado para desacelerar, cantar, dançar e fortalecer laços comunitários, celebrando a música como medicina, a vida em comunidade, a presença plena e o cuidado com a Terra.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Alexandre Macieira/Riotur



As ruas do Rio: em tempos de Copa, o gigante despertou

Tem muito carioca que talvez ainda não tenha percebido, mas uma coisa bonita começou a acontecer de novo na cidade. Quase sem alarde, como quem reaprende um velho samba depois de anos sem cantar, algumas ruas do Rio voltaram a se enfeitar para a Copa do Mundo. E isso, para além do futebol, diz muito sobre nós. Há algumas semanas, escrevi aqui sobre o desaparecimento gradual dessas ruas fantasiadas de verde e amarelo, dessas bandeirinhas atravessando o céu como se o bairro inteiro resolvesse jogar junto. O Rio parecia ter desaprendido um dos seus gestos mais característicos: transformar a rua em quintal coletivo, arquibancada afetiva, espaço natural de convivência. Pois elas começam a voltar.

Na Tijuca, por exemplo, a tradicional Pereira Nunes anunciou novamente seus enfeites. A Alzira Brandão também. E não faz qualquer decoração: promove o célebre Alzirão, mistura de vizinhança, cerveja, batuque, memória e bola rolando na telão. É o Rio em estado bruto.

Neste ano, o Alzirão terá patrocínio de uma grande empresa de apostas. Sinal dos tempos. Muito provavelmente veremos uma festa mais profissionalizada, talvez mais "evento" do que propriamente rua. O Rio contemporâneo parece ter transformado tudo em produto e ativação de marca.

A cidade vive uma espécie de "eventilização" permanente da vida cotidiana.

É uma pena, em certa medida. Mas talvez seja também o preço que os tempos cobram para que certas tradições sobrevivam.

E, sinceramente, melhor isso do que o silêncio cinza dos últimos anos.

Porque rua enfeitada em Copa nunca foi só decoração. É patrimônio afetivo. É manifestação cultural urbana. É o povo reivindicando o direito de celebrar junto, de ocupar a cidade não pela lógica do medo, mas pela lógica do encontro, da sociabilidade.

As bandeirinhas penduradas, o chão pintado das ruas. Tudo isso não é apenas ornamento - é anúncio de pertencimento.

Uma cidade

que enfeita suas ruas para ver futebol não está apenas esperando um jogo. Está tentando, ainda que por alguns dias, voltar a sonhar em comunidade

Por isso me chamou atenção também a iniciativa do Instituto Imperatriz, ligado à escola de samba Imperatriz Leopoldinense. Na região da Leopoldina, eles lançaram um concurso para premiar financeiramente as ruas mais bem decoradas para a Copa. Durante décadas, isso foi parte do cotidiano carioca: gente pintando chão, improvisando arte, discutindo futebol e vida rolando no meio da calçada. Era a rua deixando de ser passagem e passando a ser espaço de convivência.

Tomara que essa Copa de 2026 marque um reinício. Não apenas dos enfeites, mas da recuperação de uma certa alma coletiva da cidade. O Rio precisa reaprender a pertencer a si mesmo, a sua gente.

E isso ganha ainda mais importância porque, no ano que vem, teremos a Copa do Mundo Feminina no Brasil, com o Rio como uma das sedes. Será uma oportunidade enorme para ampliar essa cultura de rua, apesar da resistência ainda absurda que parte das pessoas insiste em ter contra o futebol feminino.

Que os enfeites deste ano atravessem também o próximo. Porque uma cidade que enfeita suas ruas para ver futebol não está apenas esperando um jogo. Está tentando, ainda que por alguns dias, voltar a sonhar em comunidade.